

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA ARTE DA PINTURA DO VENTRE MATERNO PARA GESTANTES¹

THE SOCIAL REPRESENTATION OF THE ART OF PAINTING THE MATERNAL WOMB FOR THE PREGNANT WOMAN

Júnia Aparecida Laia da Mata²
Antonieta Keiko Kakuda Shimo³

Resumo: Objetivou-se identificar a representação social da Arte da Pintura do Ventre Materno para gestantes. Pesquisa exploratória, qualitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici. O cenário foi uma unidade de Estratégia de Saúde da Família de Curitiba, PR, Brasil. Participaram 10 gestantes, com idade gestacional de 24 semanas ou mais. A coleta ocorreu entre outubro de 2015 e janeiro de 2016, envolvendo: aplicação da Arte da Pintura do Ventre Materno, fotografia, filmagem, entrevista e diário de campo. Adotou-se a análise temática de conteúdo, de Bardin. Emergiu a representação social ‘eu imagino, eu vejo, me conecto e me aproximo do meu bebê’, elucidando que a arte promoveu nas gestantes experiências do núcleo subjetivo da vinculação ou de amor.

Palavras-chave: Arte; Pintura; Gravidez; Amor; Apego ao Objeto.

Abstract: The aim was to identify the social representation of the Art of Painting the Maternal Womb in pregnant women. Exploratory and qualitative research, based on the theory of Social Representations, by Serge Moscovici. The environment was a unit of Strategy in Family’s Health in Curitiba, PR, Brazil. It was studied 10 pregnant women, with gestational age of 24 weeks or over it. The collection happened between October 2015 and January 2016 through: painting application of the maternal womb, photograph, filming, interview and field diary. The analysis was based on the thematic analysis of content, by Bardin. Emerged the social representation “I imagine, I see, I connect and I approach of my baby”, elucidating that living this art, brings to pregnant women experiences of subjective attachment nucleus or of love.

Keywords: Art; Paint; Pregnancy; Love; Object Attachment.

1 Introdução

A gestação é uma experiência de adaptação intensa cercada por questões que extrapolam o aspecto biológico, sendo influenciada por elementos históricos, valores culturais e sociais, além de processos intrapsíquicos (MORAES, 2010).

¹Artigo científico resultante da tese de doutorado intitulada “Vivência da Arte da Pintura do Ventre Materno por Profissionais e Gestantes: Histórias, Emoções e Significados”. O conteúdo deste manuscrito foi apresentado no 5º Congresso Ibero-americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ) e 1nd International Symposium on Qualitative Research, ocorrido em Portugal, em 2016, sendo publicado integralmente nos anais do evento.

² Doutora em Ciências da Saúde pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual de Campinas (FEnf/Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: jumata.2905@gmail.com

³ Doutora em Enfermagem, Universidade de São Paulo (USP). Professora na Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual de Campinas (FEnf/Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: akkshimo@gmail.com

Nessa fase, entre a gestante e o feto é estabelecida uma relação próxima, na qual os protagonistas são invisíveis um ao outro e, apesar da mulher poder sentir o bebê, não pode ter certezas objetivas de como ele é (suas características físicas). O vazio causado por estes fatores é insuportável e, a mãe o preenche criando uma personagem, o bebê imaginário (CRAMER, 1993; RAPHAEL-LEFF, 2009; CAMARNEIRO, 2011), essencialmente pré-consciente, marcado por suas fantasias, idealizações e projeções (COLMAN; COLMAN, 1994; SOLIS-PONTON, 2004).

O bebê imaginado funda as expectativas da gestante em relação ao bebê real, sendo estas mais intensas no segundo trimestre gestacional, momento em que o feto anuncia a sua existência através dos seus movimentos (PICCININI et al., 2004). É com base nesta imagem interna que o vínculo emocional se desenvolve (CONDON, 1993).

A literatura científica mostra que a vinculação entre mãe e filho começa durante a gestação e dá-se, fundamentalmente, por meio das expectativas que a mulher tem sobre o feto, a representação que ela faz dele e da interação que realiza com ele (PICCININI et al., 2004; RIGHETTI et al., 2005; GOMES; PICCININI; PRADO, 2009; CAMARNEIRO, 2011).

Dentre os teóricos que estudaram profundamente a vinculação pré-natal (VPN), destaca-se John Condon, que se dedicou a avaliar a qualidade da vinculação, focando especificamente nas atitudes, nos sentimentos e comportamentos da mãe para com o bebê (CONDON, 1993). Este autor propôs um modelo de vinculação no adulto/parental, baseado no trabalho de Bretherton (1985), aplicável em investigações sobre a VPN, centrado nas experiências afetivas, tais como proximidade, sentimentos positivos sobre o feto, desejo de conhecer sobre ele, bem como representações internas do futuro bebê (CONDON, 1993; PRIEL; BESSER, 1999).

Este modelo ajudou a compreender os componentes da VPN, enfatizando os indicadores de presença e força deste fenômeno (CONDON, 1993; CONDON; CORKINDALE, 1997). No presente estudo, abordamos a VPN sob a ótica de Condon, que a define como um laço emocional que normalmente se desenvolve entre a mãe e o bebê antes do nascimento (BRETHERTON, 1985; CONDON, 1993).

Uma das principais evidências, encontradas em pesquisas que buscaram identificar preditores da VPN, é a de que o vínculo aumenta durante a gestação (HONJO et al., 2003; RIGHETTI et al., 2005; CANNELLA, 2005; YARCHESKI et al., 2009), principalmente devido aos movimentos do feto (HONJO et al., 2003; SHIEH; KRAVITZ; WANG, 2001; RIGHETTI et al., 2005; DIPIETRO, 2010). Estudos também constataram

que o atendimento pré-natal e o ultrassom obstétrico favorecem a vinculação da gestante com o bebê (SANDBROOK; ADAMSON- MACEDO, 2004; ALHUSEN, 2008; YARCHESKI et al., 2009).

Diante do exposto, verifica-se o quanto é significativo para a construção do vínculo entre mãe e filho, a vivência de experiências subjetivas como a disposição para conhecer sobre o feto, elaborando o bebê imaginário, e para estar/ interagir com ele (CONDON, 1993). Apresentamos nesta pesquisa o uso de uma prática de cuidado que pode oportunizar tais experiências, a Arte da Pintura do Ventre Materno. Trata-se de uma atividade artística, que envolve a técnica da pintura aplicada no abdome da gestante, na qual são representados, objetivamente, o bebê imaginário e outros elementos ligados à gestação como o cordão umbilical, a placenta, o útero e a bolsa das águas.

Esta arte visual possui diversas designações como ultrassom natural, ecografia natural, ultrassom gestacional e pintura de barriga. O termo ‘Arte da Pintura do Ventre Materno’ e a definição, apresentados neste trabalho, foram concebidos pela autora principal do estudo, durante o desenvolvimento de sua tese de doutorado intitulada “Vivência da Arte da Pintura do Ventre Materno por Profissionais e Gestantes: Histórias, Emoções e Significados” (MATA, 2017).

O conceito aqui apresentado fundamenta-se na ideia de que a Arte da Pintura do Ventre Materno é um fenômeno artístico utilizado para expressar esteticamente e de forma objetiva o bebê imaginário e os elementos que constituem a gestação, podendo promover experiências maternas subjetivas que fomentem ‘conhecer’ sobre o feto e o seu estado intraútero, estar/interagir com ele, a disposição para evitar a separação ou perda e para protegê-lo. Considera-se que denominar esta técnica como ultrassom ou ecografia atribui uma dimensão médica e tecnologizada a ela, o que se contrapõe à sua natureza e ao seu propósito.

Até o presente momento, não havia estudos sobre o que essa arte visual representa para as mães que a vivenciam. Por isso, objetivou-se nesta investigação identificar a representação social da Arte da Pintura do Ventre Materno para gestantes. Inovamos ao inserir pela primeira vez esta temática no campo científico.

2 Referencial Teórico-Metodológico

Com o intuito de desenvolver uma profunda compreensão do objeto estudado da forma como existe e como é representado pelas gestantes dentro do contexto investigado,

adotamos como referencial teórico-metodológico a Teoria das Representações Sociais (TRS), proposta por Serge Moscovici (2015).

Este autor define a representação social (RS) como um sistema de valores, ideias e práticas, com duas funções: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, permitir que a comunicação seja possível entre outros membros da sociedade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os diversos aspectos do seu mundo, da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2015).

As RS circulam, se entrecruzam e cristalizam continuamente, através de uma palavra ou gesto, no cotidiano. Têm como propósito transformar algo não familiar em familiar, envolvendo os processos de ancoragem e objetivação (MOSCOVICI, 2015).

A ancoragem torna algo perturbador e estranho em um sistema particular de categorias de uma pessoa e o compara a um paradigma de uma categoria que ela pensa ser apropriada. Envolve classificar e dar nome a alguma coisa, ainda não nomeada e não existente. Possui como objetivo principal facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações dos indivíduos (MOSCOVICI, 2015).

Já a objetivação vincula a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Objetivar é desvendar a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é representar, preencher o que está naturalmente vazio, com substância (MOSCOVICI, 2015).

As pessoas geralmente usam o seu sistema perceptivo para interpretar as representações de mundos que nunca podem ver (MOSCOVICI, 2015). No mundo feito por mãos humanas, a percepção do que é representado é tão importante como a dos objetos reais (BOWER, 1977).

As RS estão ligadas aos processos sociais e são vistas como formas de conhecimento, que são produzidas e sustentadas por grupos específicos, em uma determinada conjuntura histórica (MOSCOVICI, 2015). Convencionalizam os acontecimentos, os objetos e os indivíduos, elas lhes dão forma definitiva, os localizam em uma determinada categoria e os colocam como um modelo compartilhado por um grupo.

Optamos pela TRS por acreditar que este é o melhor caminho para abordar as informações, opiniões e crenças das gestantes que vivenciaram a Arte da Pintura do

Ventre Materno, possibilitando uma rica compreensão do que esta técnica artística representa para elas.

3 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa exploratória, desenvolvida em abordagem qualitativa, resultante de uma tese de doutorado produzida no Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual de Campinas (FEnf/Unicamp). Foi avaliada e autorizada pelos Comitês de Ética em Pesquisa da Unicamp (CAAE: 48174715.1.0000.5404) e da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba (CAAE: 48174715.1.3001.0101). Respeitou os preceitos éticos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

O cenário foi uma unidade de Estratégia de Saúde da Família (ESF) de Curitiba, PR, Brasil. Participaram 10 gestantes, selecionadas conforme os seguintes critérios de inclusão: usuárias vinculadas à unidade de saúde estudada e com idade gestacional (IG) de 24 semanas ou mais. A determinação da IG justificou-se pela necessidade de realizar a Manobra de *Leopold Zweifel* e identificar a situação, posição e apresentação fetal, para desenvolver a Arte da Pintura do Ventre Materno, possibilitando à mãe visualizar objetivamente como o bebê se encontrava intraútero.

Considerou-se como critério de exclusão referir alergia, previamente à coleta, a qualquer um dos componentes utilizados na aplicação da arte. E como critérios de descontinuação: deixar de participar de alguma etapa da produção dos dados; manifestar reação alérgica durante a pintura; e nascer o bebê antes da submissão à Arte da Pintura do Ventre Materno.

No recrutamento das voluntárias foi realizado o levantamento das cadastradas no SISPRENATAL, junto à coordenação da US; feita a análise das possíveis participantes, por meio da consulta de informações no prontuário eletrônico (eSaúde®) e ao contatá-las via telefone; e a comunicação às equipes da unidade sobre àquelas que poderiam receber o convite verbal ou impresso para participar da pesquisa.

Na ocasião da coleta, a população a ser investigada era de 22 gestantes. Estas tiveram seus nomes organizados em uma lista e numerados de forma sequencial. Foram feitos sorteios semanais, os quais definiram o agendamento da pintura. A produção dos dados ocorreu entre outubro de 2015 e janeiro de 2016, sendo utilizadas as estratégias: aplicação da Arte da Pintura do Ventre Materno, fotografia, filmagem, entrevista e diário

de campo. Apresentamos neste manuscrito parte dos dados referentes às entrevistas e alguns registros fotográficos.

Os discursos foram coletados em dois momentos, primeiro, no dia da realização da arte, em que foram colhidas informações relacionadas à caracterização das participantes e sobre como imaginavam os seus bebês e, segundo, até três dias após a vivência, com a execução de perguntas que buscaram identificar a representação social da Arte da Pintura do Ventre Materno para as elas.

As entrevistas foram audiogravadas e norteadas por um roteiro guia, sendo desenvolvidas no âmbito da unidade de saúde, domiciliar ou em outro local de escolha da voluntária. Todas as gestantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Autorização de Uso da Imagem. Para àquela menor de 18 anos, foi assinado o Termo de Assentimento e solicitada a aprovação do seu responsável legal.

A pintura foi previamente agendada, atendendo data e horário de disponibilidade da usuária, bem como o local de sua preferência, podendo ser na unidade ou no domicílio. Na sua aplicação, foram realizados os três primeiros tempos da Manobra de *Leopold Zweifel* (Figuras 1, 2 e 3) e auscultados os batimentos cardíofetais com um sonar doppler (Figura 4).



Figura 1: Realização do primeiro tempo da manobra de *Leopold Zweifel*, a situação
Fonte: MATA (2017)



Figura 2: Realização do segundo tempo da manobra de *Leopold Zweifel*, a posição
Fonte: MATA (2017)



Figura 3: Realização do terceiro tempo da manobra de *Leopold Zweifel*, a apresentação
Fonte: MATA (2017)



Figura 4: Ausculta dos batimentos cardíofetais com o sonar doppler
Fonte: MATA (2017)

Em seguida, a autora principal representou na arte o bebê imaginário descrito pela gestante, o cordão umbilical, a placenta, a bolsa amniótica, o útero e outros elementos solicitados pela mãe (Figura 5), possibilitando que ela o visualizasse e interagisse com ele. Essa etapa teve duração média de 60 minutos e foi registrada por meio de fotografias, feitas por um fotógrafo treinado, a fim de documentar a técnica, que foi descrita em outro artigo científico.



Figura 5: Arte da Pintura do Ventre Materno feita pela autora principal, com bebês em situação longitudinal e transversal. Acervo da tese “Vivência da Arte da Pintura do Ventre Materno por Profissionais e Gestantes: Histórias, Emoções e Significados”
Fonte: MATA (2017)

Foram utilizados os seguintes materiais: tinta para pintura corporal/facial/ artística (blush líquido, cremoso e/ou *pancake*), pincéis de diferentes tamanhos, lápis delineador

para olhos, glitter, esponjas para maquiagem, demaquilante, spray com água para o *pancake*, lenços umedecidos e discos de algodão. Todos os produtos eram atóxicos e podiam ser aplicados à pele humana.

O grupo estudado foi definido de forma intencional e o seu tamanho fechado por meio da saturação de dados (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008). As entrevistas foram transcritas com o apoio do *Express Scribe Transcription Software Pro®*, concomitantemente à coleta.

A análise e a interpretação do material coletado fundamentaram-se na análise temática de conteúdo, de Laurence Bardin, abrangendo três etapas: a pré-análise, na qual foram sistematizadas as ideias iniciais; a exploração do material, em que os dados foram transformados em conteúdos temáticos, por meio da codificação dos discursos obtidos, determinando os temas a serem discutidos; e a análise dos conteúdos, com a realização das inferências e interpretações dos resultados a partir da fundamentação teórica e dos pressupostos que nortearam a investigação (BARDIN, 2009). A fim de preservar o anonimato, as identificações das gestantes foram codificadas com nomes de flores.

4 Resultados e Discussão

Na análise de conteúdo das entrevistas, o material foi dividido em unidades de significado, seguido do agrupamento em subcategorias, culminando em duas grandes categorias temáticas: 1) A Arte da Pintura do Ventre Materno como promotora de experiências do núcleo subjetivo da vinculação ou de amor; 2) Comportamentos positivos gerados pela Arte da Pintura do Ventre Materno.

O conteúdo partilhado entre estas categorias fez emergir uma representação social que revela comportamentos e sentimentos das gestantes ligados às experiências do núcleo subjetivo da vinculação ou de amor com o bebê (CONDON, 1993), desencadeados pela Arte da Pintura do Ventre Materno. Tendo em vista este achado, a representação social emergente foi nomeada como: eu imagino, eu vejo, me conecto e me aproximo do meu bebê.

Ressalta-se que devido à riqueza dos resultados as categorias emergentes originaram outro texto científico para publicação. Aqui são discutidos somente os dados referentes à RS supracitada.

4.1 Caracterização das Participantes do Estudo

Os achados relacionados à caracterização das gestantes estão dispostos na Tabela

1.

Tabela 1: Caracterização das gestantes que participaram da pesquisa.

Características	N=10 n
Idade (anos)	
Menor de 18	01
20 a 29	04
30 a 39	05
Estado marital	
Solteira	06
Casada	03
União estável	01
Número de gestações	
Primigesta	05
Secundigesta	03
Tercigesta	01
Multigesta	01
Paridade	
Nunca pariu	05
Um nascimento	04
Três nascimentos	01
Abortos	
Nunca teve aborto	09
Teve um aborto	01
Filhos	
Vivos	05
Neomorto	01
Idade gestacional (semanas)	
Entre 24 e 29	05
Entre 30 e 35	05
Estratificação de risco	
Risco habitual	07
Alto risco	03
Gestação planejada	
Sim	02
Não	08
Sexo do bebê	
Feminino	05
Masculino	05

Fonte: MATA (2017)

Pesquisas revelam que a paridade, o planejamento da gestação e a gravidez de alto risco possuem fraca associação com a VPN (CHAZOTTE et al., 1995; YARCHESKI et al., 2009). Neste trabalho, tais fatores parecem não ter influenciado na experiência da vinculação ou de amor das participantes com os seus bebês, pois todas mostraram estar

no modo de vinculação e a maioria (nove) expressou comportamentos e sentimentos positivos.

Das cinco que já haviam tido filhos, uma teve um neomorto, ocorrido após três dias do nascimento, por sepse neonatal, apresentando indícios de vinculação negativa – ambivalente, que envolve preocupação acentuada com o feto, acompanhada de ambivalência e sem afeto. É desprovida de conotações afetivas agradáveis ou expectativas positivas (CONDON, 1993).

Cientistas constataram que o número de filhos vivos e a história obstétrica são fatores preditores para o vínculo entre mãe-feto (LINDGREN, 2001; HONJO, et al., 2003). Todas as gestantes apresentaram comportamentos que denotam a vivência de experiências do núcleo subjetivo da vinculação ou de amor com o feto.

4.2 Eu Imagino, Eu Vejo, Me Conecto e Me Aproximo do Meu Bebê

John Condon (1993) elaborou um modelo hierárquico de vinculação no adulto/parental (Figura 6), a partir de estudos sobre a natureza do vínculo no adulto e da experiência relativa ao luto, postulando que o núcleo da vinculação é a experiência do amor. Esta proposta aponta cinco experiências subjetivas que expressam a experiência da vinculação ou de amor, consideradas como ‘disposições ou necessidades’, a saber: a disposição para conhecer, para estar com/interagir com, para evitar a separação ou perda, para proteger e para satisfazer as necessidades (CONDON, 1993).

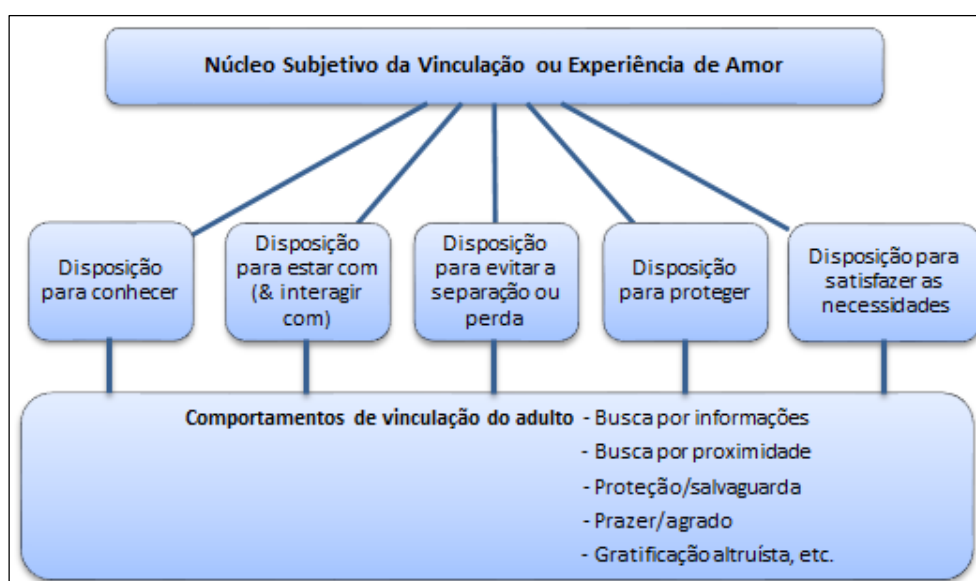


Figura 6: Modelo hierárquico de vinculação parental, de John Condon (1993). Traduzido livremente pela autora principal (MATA, 2017)

Fonte: MATA (2017)

As experiências descritas por este autor podem se expressar em comportamentos, conforme apresentado no terceiro nível do modelo, sendo eles: busca por informação, por proximidade, proteção e salvaguarda, prazer/agrado, gratificação altruísta, entre outros (CONDON, 1993).

A *disposição para conhecer* equivale a uma curiosidade sobre a natureza do objeto amado e, no caso do feto, a elaboração de características de sua imagem e a busca por informações podem ser comportamentos desencadeados por esta necessidade. A *disposição para estar/interagir com* representa o desejo de interagir com o objeto e a satisfação e o prazer derivados disto (CONDON, 1993).

A *disposição para evitar a separação ou perda*, seja na realidade ou em fantasia, aparece naturalmente por causa da dor experimentada mediante essa vivência. A intensidade desta disposição é proporcional à força da ligação com o objeto. Essa experiência pode se expressar em comportamentos de proteção, salvaguarda e contato prolongado com o objeto amado, que também podem resultar da *disposição para proteger*, que envolve a proteção do objeto de influências que possam prejudicar sua existência ou causar-lhe danos (CONDON, 1993).

A última experiência reflete o desejo de ser capaz de identificar e *satisfazer as necessidades* do objeto. Muitas vezes, há presença de uma qualidade altruísta na gratificação, com as demandas do objeto transcendendo as necessidades do *self*. Vale ressaltar, que as disposições podem ou não encontrar expressões comportamentais (CONDON, 1993).

Condon (1993) não propõe que estas cinco disposições definam a vinculação. Nem deve a experiência subjetiva ser equiparada à do amor parental. Dentro do seu construto, estas necessidades seriam consideradas como *indicadores* ou *presença provável* da vinculação.

A representação social, emergente neste estudo, relaciona-se a duas das disposições propostas pelo autor (CONDON, 1993): a disposição para conhecer e para estar com/interagir com. Tais experiências geraram alguns comportamentos nas gestantes. A maioria (nove) demonstrou ter elaborado o bebê imaginário, atribuindo diversas características a ele para o desenvolvimento da Arte da Pintura do Ventre Materno. Ao visualizarem o bebê pintado, expressaram ver no desenho o filho fantasiado e idealizado.

Muito real! Parecia que o bebê estava ali, estava muito mais próximo de mim. E é uma realidade, uma aproximação muito grande (Flor de Lótus).

Quando você estava pintando assim, eu fiquei imaginando como realmente ele estaria lá dentro. E fiquei pensando: será que ele realmente vai ser assim ou não? Depois que você terminou a pintura, eu fiquei imaginando que ele vai vir acho que igualzinho o que eu imaginei. Espero que venha, né? Achei uma sensação bem gostosa assim, né? De você poder imaginar como ele tá ali dentro, se tá realmente naquela posição. [...] Bem diferente do que a gente imagina, do que a gente vê no ultrassom também, né? Que o ultrassom não tem aquele detalhe assim (Prímula).

Imaginar me deu mais vontade de pegar ainda ela [o bebê] no colo. Por que imagina, nossa, ela tá enorme! E daí dá impressão que parecia que eu tava vendo ela. Aquele desenho ficou muito igual a ela. Meu Deus, como ficou! E ela é muito fofo (Lírio do Vale).

Eu ficava pensando mais na criança, como é que ela estava mesmo. Estava igual você tava pintando. Foi assim que eu me senti. Eu imaginava assim, que ela estaria assim nessa posição mesmo. Que às vezes a barriga fica meio pontuda de um lado e tal. Daí eu sinto aqui assim. Aí imaginava que ela era assim (Rosa).

Somente uma entrevistada (Gerânio) relatou não imaginar o seu bebê:

[...] eu não faço a menor ideia de como o bebê vai ser. Eu não imagino. [...] Que essa coisa sentimental de... ah, tá esperando um bebê e não sei o quê. Eu sou bem mais realista, sabe? Mas assim, tipo, eu acho que eu fiquei mais emocionada com a reação dos meninos [os dois filhos dela]. [...] Então assim, eu acho que eu fiquei mais tocada com isso, pela reação deles. Dos dois assim. Por que eu não sei se é por que eu tive a perda do Júlio [nome fictício atribuído ao filho que faleceu após o nascimento] ou por que todas as minhas gravidezes foram complicadas. Mas assim, eu não sou o tipo que fica muito ansiosa durante a gestação. Acho que quem acaba curtindo mais é a minha mãe e o meu marido, do que eu mesma. Então, o negócio da pintura foi legal por ver a carinha deles [seus filhos] (Gerânio).

Esse comportamento pode estar relacionado às experiências gestacionais anteriores de Gerânio. Por várias vezes, ela falou sobre suas gestações complicadas, a perda de um dos filhos após o nascimento e como isso influenciou na sua relação com o bebê atual, assumindo uma atitude de distanciamento dele. Há gestantes que não conseguem investir no feto e nem esperar algo dele, por medo de que a realidade não satisfaça os seus desejos (RAPHAEL-LEFF, 2015).

Aulagnier (1990, 1994) defende que a representação que a gestante constrói do filho não é a de um embrião em desenvolvimento, mas de um corpo já desenvolvido, com todas as atribuições que são necessárias para a sua completude. Verificou-se neste trabalho que grande parte das entrevistadas (nove) definiu o seu bebê com um corpo completo e unificado, independentemente da idade gestacional.

Foi gostoso, foi bem legal ver assim, né? Porque eu não enxerguei a pintura, eu enxerguei ele [o bebê]. Mostrei e ele [o pai do bebê] achou lindo. Nossa meu Deus, que bonitinho! Será que ele vai ser assim mesmo? Ele [o pai do bebê] achou mais bonitinho os pezinhos dele cruzados. Falei: é isso mesmo, os pezinhos estão assim (Tulipa).

Foi realmente muito prazeroso. Foi além do que eu imaginava ser. Eu acreditava que fosse só aquele momento de pintura e que depois passasse. Mas não. É muito diferente. Por que a cada tracinho você vendo ela [o bebê] sendo desenhada ali, você já vai imaginando assim, já vendo o tamanho mais ou menos proporcional que ela esteja, o jeitinho dela. Você já fica com milhões de pensamentos assim. E foi realmente o que passou pra mim (Jasmim).

Todas as entrevistadas já haviam escolhido o nome do bebê e quando relatavam sobre ele associavam as suas características a algum membro da família, principalmente ao pai ou a um de seus filhos mais velhos.

Então, na hora que eu bati meu olho foi como se eu tivesse vendo o Rafael [nome fictício atribuído ao filho mais novo da gestante]. Por que tipo assim, ele ficou muito parecido. A pintura com o Rafaelzinho [nome fictício atribuído ao filho mais novo da gestante] quando ele nasceu. Então era... sabe quando você bate o olho em uma coisa que você já viu? Tipo, sabe? Então. Foi isso o que senti quando olhei. Até falei pro meu marido: nossa amor, eu olhei e parecia que estava vendo o Rafaelzinho ali. Tipo o desenhinho dele (Gerânio).

A mulher precisa personificar o feto para que, no nascimento, não se encontre com alguém completamente estranho a ela. O exercício imaginativo aproxima a mãe do futuro bebê, tornando-o conhecido e favorecendo a sua vinculação ao mesmo (BRAZELTON; CRAMER, 1992).

Foi constatado nos discursos que algumas participantes experienciaram a *disposição para conhecer* sobre o bebê e o seu estado intraútero.

Eu me senti muito feliz. Daí eu queria saber, porque a gente fica curioso pra saber como eles [os bebês] ficam na barriga, né? O jeitinho que eles ficam. Daí deu pra eu ver direitinho a posição que ela tá. O jeitinho que ela tá. Acho que não tem nada que afeta ficar de ponta cabeça, né? Pra eles é normal ficar assim? É a mesma coisa como se estivesse assim normal, né? É que o meu marido estava perguntando: nossa, será que não é ruim ficar de ponta cabeça? Ai meu Deus! A gente fica curioso pra saber. Daí dá mais vontade ainda do que a gente já tava. De que ela nasça logo pra pegar ela. Senti curiosidade. Bastante ansiedade, vontade de ver onde tava o pezinho. E eu gostei. Nossa, amei! Do jeito que eu tava imaginando (Margarida).

Durante a pintura eu fiquei pensando assim... acho que toda mãe tem uma preocupação durante a gestação em relação como o filho dela vai nascer. Se vai nascer perfeito, se vai ser bonitinho, né? E ainda mais com esta história de Zika e não sei o quê. Então, assim, por um momento eu tive aquele sentimento assim: ai, ela vai fazer um desenho lindo e vai que meu filho nasce com alguma coisa assim, sabe? Então assim, eu sou muito pilhada com essas coisas, demais, sabe? E na hora que eu vi como ficou, eu pensei assim: ai, é um bebezinho perfeito. Que Deus abençoe que seja assim. Perfeito. Não é? Por que a gente tem medo, né? Você fica preocupada. Quando você vai fazer a ecografia, a primeira coisa que você vê é se tem todos os dedos, se tem a mão, se tem o pé. [...] E antes da pintura, eu acho que a única preocupação que eu venho tendo é essa, em relação a isso mesmo, que ele nasça perfeito. Por já ser uma preocupação que toda mãe tem e por causa disso tudo que tá acontecendo [casos de Zika no Brasil] (Gerânio).

Para as gestantes, a Arte da Pintura do Ventre Materno proporcionou conexão, aproximação e interação com o feto. O que denota a presença da experiência subjetiva *estar com/interagir com* (CONDON, 1993).

[...] eu fiquei muito tranquila, muito zen, de sentir a conexão com ele [o bebê] assim, muito forte também (Flor de Lótus).

Eu queria ver, porque minha gravidez não foi planejada e foi difícil no começo a aceitação. Para eu aceitar demorou muito, sabe? Então eu achei que isso pudesse talvez me aproximar mais da minha filha. E foi o que aconteceu. Mas durante a pintura eu fiquei tranquila. Ah, eu estava feliz assim, por estar fazendo uma coisa com ela (Verbena).

A bebê mexia bastante. O tempo inteiro tava ali envolvida com a gente também [...] (Jasmim).

Eu queria que todo mundo pudesse fazer. Porque é tão legal e isso te aproxima tanto do teu neném, que cria um vínculo tão grande com ele, né? Tá vendo que ele tá ali. E ele é o neném! Ele tá ali! Ele vai vir daqui a pouco e, tipo, ele deu um olá (Lavanda).

A interação mãe-feto muitas vezes acontece por meio da palpação, conversa com o bebê (CONDON, 1993) e da percepção dos movimentos fetais. Um estudo constatou que gestantes que relatam sentir o movimento fetal no início da gravidez pontuam mais na escala de apego materno-fetal do que àquelas que expressam não sentir (HEIDRICH; CRANLEY, 1989).

A VPN aumenta com as primeiras percepções dos movimentos fetais (RIGHETTI et al., 2005; VEDOVA; DABRASSI; IMBASCIATI, 2008). Durante a pintura do ventre materno, os bebês se movimentavam bastante e, para as participantes, isso representou a interação do feto com elas.

Todo mundo queria ver. Minha mãe já chorou na hora. Não se conteve também. Ela disse: ai, não acredito que ela tá desse jeitinho com o pezinho em cima. Daí eu falei: tá bem desse jeitinho mãe! E ela [o bebê durante a pintura] não parava! Daí ela [a avó]: sério que ela não parava? Sério, não parou nenhum minuto. Adorou ficar se mostrando aí o tempo todo (Jasmim).

Uma pesquisa brasileira, que investigou a respeito da percepção e dos sentimentos das gestantes sobre o pré-natal, concluiu que a realização da ultrassonografia foi considerada um elemento de grande importância para elas. Para 67% das entrevistadas o exame colabora na promoção da VPN, além de diminuir a ansiedade com relação à saúde do bebê e colaborar na assimilação da gravidez. A VPN é fortalecida tanto pelo fato de ver o bebê quanto por poder identificar o seu sexo (PICCININI et al., 2012).

Investigações internacionais constataram que o ultrassom obstétrico impacta positivamente no vínculo entre mãe e feto, potencializando o seu aumento (HEIDRICH;

CRANLEY, 1989; SANDBROOK; ADAMSON-MACEDO, 2004; RIGHETTI et al., 2005; SEDGMEN et al., 2006; ALHUSEN, 2008; YARCHESKI et al., 2009).

A visualização do bebê por meio da Arte da Pintura do Ventre Materno, com as características imaginadas e descritas pela gestante, na situação, posição e apresentação que se encontrava intraútero, parece ter proporcionado às participantes do estudo comportamentos e sentimentos similares à vivência do ultrassom convencional.

A ultrassonografia muitas vezes é requerida com frequência pelas mães na busca por conhecer os seus bebês, o que pode levar à submissão desnecessária a este exame. A Arte da Pintura do Ventre Materno pode ser adotada para esta finalidade. E assim o ultrassom fica reservado a casos com real indicação.

Os resultados deste trabalho revelam que as voluntárias vivenciaram na Arte da Pintura do Ventre Materno experiências que medeiam a construção da VPN como fantasiar e relatar sobre o seu bebê imaginário (BRAZELTON; CRAMER, 1992; CONDON, 1993; FERRARI; PICCININI; LOPES, 2007), estar/interagir com o feto (CONDON, 1993) e visualizá-lo (HEIDRICH; CRANLEY, 1989; SANDBROOK; ADAMSON-MACEDO, 2004; RIGHETTI et al., 2005; SEDGMEN et al., 2006; ALHUSEN, 2008; YARCHESKI et al., 2009; PICCININI et al., 2012).

Diante da representação social “eu imagino, eu vejo, me conecto e me aproximo do meu bebê”, emergida no grupo estudado, considera-se que a vivência da Arte da Pintura do Ventre Materno agiu como um gatilho para as experiências do núcleo subjetivo da vinculação ou de amor *disposição para conhecer* e para *estar/interagir com*, desencadeando comportamentos e sentimentos positivos.

Com base nos achados desta pesquisa e nos pressupostos de Condon (1993), elaboramos um modelo da experiência subjetiva da vinculação com o feto mediada pela Arte da Pintura do Ventre Materno (Figura 7).

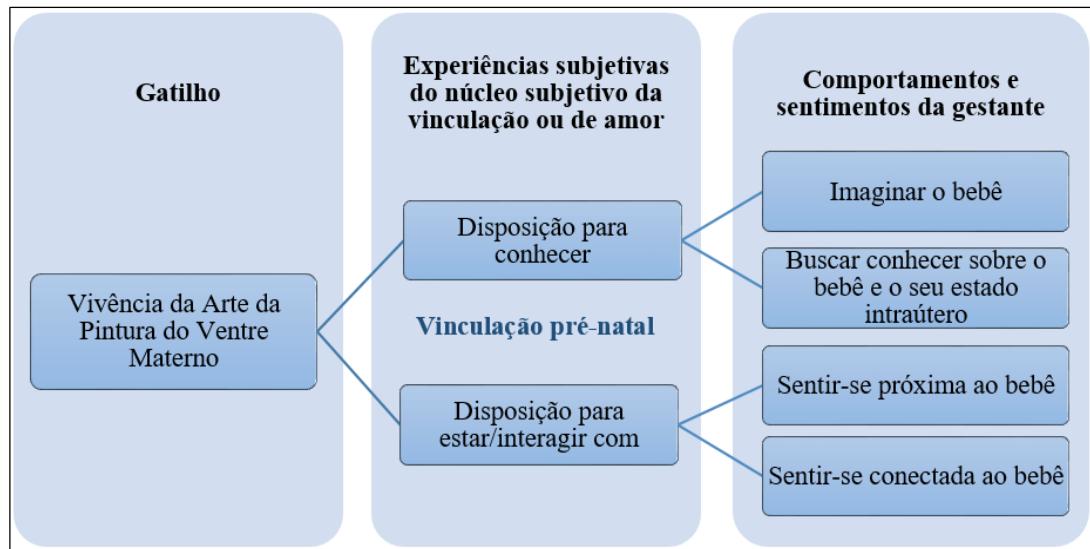


Figura 7: Modelo da experiência subjetiva da vinculação com o feto mediada pela Arte da Pintura do Ventre Materno
Fonte: MATA (2017)

A primeira coluna se refere ao gatilho, ou seja, o que promoveu as experiências do núcleo subjetivo da vinculação com o feto, dispostas na segunda coluna. Na terceira, são apresentados os comportamentos e sentimentos gerados nas gestantes.

5 Conclusões

A representação social emergente nesta pesquisa sugere que a vivência da Arte da Pintura do Ventre Materno provocou nas gestantes experiências do núcleo subjetivo da vinculação ou de amor, o que foi verificado a partir dos comportamentos e sentimentos manifestados e referidos por elas. Estes podem ser considerados indicadores da presença provável da construção do vínculo entre as participantes e os seus bebês.

Os resultados alcançados elucidam a potencialidade dessa técnica artística na promoção da experiência da vinculação pré-natal, tão significativa na natureza das relações entre mãe-filho e para o desenvolvimento infantil.

Por se tratar de uma investigação inédita, ressalta-se a necessidade de desenvolver mais estudos sobre a temática, principalmente que se relacionem à medição da VPN diante da vivência da Arte da Pintura do Ventre Materno.

Referências

- ALHUSEN, J. L. A literature update on maternal-fetal attachment. **Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing**, Thousand Oaks, Calif, v. 3, n. 37, p. 315-328, 2008.
- AULAGNIER, P. **Um intérprete em busca de sentido**. 1 ed. São Paulo: Escuta, 1990.
- AULAGNIER, P. Nacimiento de un cuerpo, origen de una historia. In: HORSTEIN L. (Org.). **Cuerpo, historia, interpretación**: Piera Aulagnier - de lo originario al proyecto indentificatorio. 2 ed. Buenos Aires: Paidós, 1994. p. 117-170.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BOWER, T. G. R. **The perceptual world of the child**. 1 ed. Londres: Fontana, 1977.
- BRAZELTON, B.; CRAMER, B. **As primeiras relações**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde (CNS). Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012. **Diretrizes e normas regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos**. Diário Oficial [da] União. Brasília: Distrito Federal, 2012.
- BRETHERTON, I. Attachment theory: retrospect and prospect. In: BRETHERTON, I.; WATERS, E. (Eds.). **Growing Points of Attachment Theory and Research**. Monographs of the Society for Research in Child Development, New Jersey: University of Chicago Press, 1985. p. 3-35, 1985.
- CAMARNEIRO, A. P. F. **Vinculação pré-natal e organização psicológica do homem e da mulher durante a gravidez**: relação com o tipo de parto e com a patologia obstétrica dos II e III trimestres de gestação. 2011. 694 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal, 2011.
- CANNELLA, B. L. Maternal-fetal attachment: an integrative review. **Journal of Advanced Nursing**, Oxford, Inglaterra, GB, v. 50, n.1, p. 60-68, 2005.
- CHAZOTTE, C. et al. Maternal depressive symptoms and maternal-fetal attachment in gestational diabetes. **Journal of Women's Health**, New Rochele, v. 4, n. 4, p. 375-380, apr. 1995.
- COLMAN, L.; COLMAN, A. **Gravidez - a experiência psicológica**. 1 ed. Lisboa: Colibri, 1994.
- CONDON, J. T.; CORKINDALE, C. The correlates of antenatal attachment in pregnant women. **British Journal of Medical Psychology**, Letchworth Herts, Inglaterra, GB, v. 70, n.4, p. 359-372., 1997.
- CONDON, J. T. The assessment of antenatal emotional attachment: development of a questionnaire instrument. **British Journal of Medical Psychology**, Letchworth Herts, Inglaterra, GB, v. 66, n. 2, p. 167-183, 1993.

CRAMER, B. Are postpartum depressions a mother-infant relationship disorder? **Mental Health Journal**, v. 14, n. 4, p. 283-297, 1993.

DIPIETRO, J. A. Psychological and psychophysiological considerations regarding the maternal-fetal relationship. **Infant and Child Development**, v. 19, n. 1, p. 27-38, 2010.

FERRARI, A. G; PICCININI, C. A; LOPES, R. S. O bebê imaginado na gestação: aspectos teóricos e empíricos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 305-313, maio/ago. 2007.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.

GOMES, A. G.; PICCININI, C.; PRADO, L. C. Psicoterapia pais-bebê no contexto da malformação do bebê: repercussões no olhar da mãe acerca do desenvolvimento do bebê. **Revista de Psiquiatria RS**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 95-104, 2009.

HEIDRICH, S. M.; CRANLEY, M.S. Effect of fetal movement, ultrasound scans, and amniocentesis on maternal-fetal attachment. **Nursing Research**, New York, v. 38, n. 2, p. 81-84, mar./apr. 1989.

HONJO, S. et al. Antenatal depression and maternal-fetal attachment. **Psychopathology**, Basel, v. 36, n. 6, p. 304-311, 2003.

LINDGREN, K. Relationships among maternal-fetal attachment, prenatal depression, and health practices in pregnancy. **Research in Nursing and Health**, New York, v. 24, n. 3, p. 203-217, 2001.

MATA, J. A. L. **Vivência da Arte da Pintura do Ventre Materno por Profissionais e Gestantes: Histórias, Emoções e Significados**. 2017. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Faculdade de Enfermagem, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, 2017.

MORAES, M. H. C. **A clínica da maternidade: os significados psicológicos da depressão pós-parto**. 2010. 176 p. Tese (Doutorado em Psicologia)- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2010.

MOSCOVI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

PICCININI, C. A. et al. Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. **Psic. Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 223-232, set./dez. 2004.

PICCININI, C. A. et al. Percepções e sentimentos de gestantes sobre o pré-natal. **Psic. Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 27-33, jan./mar. 2012.

PRIEL, B.; BESSER A. Vulnerability to postpartum depressive symptomatology: Dependency, self-criticism and the moderating role of antenatal attachment. **Journal of Social & Clinical Psychology**, New York, v. 18, n. 2, p. 240-253, 1999.

RAPHAEL-LEFF, J. **Gravidez: a história interior**. Reino Unido: Karnac Books Ltd, 2015.

RAPHAEL-LEFF, J. **Psychological Processes of Childbearing**. 4 ed. Great Britain: The Anna Freud Centre, 2009.

RIGHETTI, P. L. et al. Maternal/paternal antenatal attachment and forth-dimensional ultrasound technique: a preliminary report. **British Journal of Psychology**, London, v. 96, n. 1, p. 129-137, feb. 2005.

SANDBROOK, S. P.; ADAMSON-MACEDO, E. N. Maternal-fetal attachment: searching for a new definition. **Neuroendocrinology Letters**, United Kingdon, v. 25, Suppl. 1, p. 169-182, 2004.

SEDGMEN, B. et al. The impact of two-dimensional versus three-dimensional ultrasound exposure on maternal-fetal attachment and maternal health behavior in pregnancy. **Ultrasound obstet. gynecol.**, Carnforth, v. 27, n. 3, p. 245-251, mar. 2006.

SHIEH, C.; KRAVITZ, M.; WANG, H. What do we know about maternal-fetal attachment. **The Kaohsiung Journal Medical Sciences**, Taiwan, v. 17, n. 9, p. 448-454, Sept. 2001.

SOLIS-PONTON, L. **Ser pai, ser mãe- parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

VEDOVA, A. M. D.; DABRASSI, F.; IMBASCIATI, A. Assessing prenatal attachment in a sample of Italian women. **Journal of Reproductive and Infant Psychology**, v. 26, n. 2, p. 86-98, 2008.

YARCHESKI, A. et al. A meta-analytic study of predictors of maternal-fetal attachment. **International Journal of Nursing Studies**, Elmsford, v. 46, n. 5, p. 708-715, may, 2009.

Recebido em: 23 de março de 2017.

Aceito em: 19 de maio de 2017.